

# crescer abstenção eleitoral, diz Margrid

## Perfil



FOTOS: FABIOLA CORREIA/JC

**Margrid Sauer** é sócia e diretora de Pesquisa do Instituto Amostra, que realiza pesquisas de opinião, mercado e política no Sul do Brasil. Socióloga de formação, atua há mais de 30 anos analisando dados, coordenando projetos de campo e assessorando campanhas políticas, com experiência no atendimento a governos estaduais e prefeituras da Região Sul. Possui

graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1987), pós-graduação em metodologia de pesquisa pela Feevale (1993) e mestrado em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (2017).

que a gente observa nas nossas pesquisas, nas nossas discussões com o eleitor. São traços que a gente vem notando. Uma coisa que a gente também percebe é que a gente tem um número de eleitores jovens mais posicionados à direita. Isso até digo que me causa estranheza, porque eu era tão acostumada a ver o contrário. É uma inversão. O nosso jovem hoje tem um posicionamento de centro à direita. E o número de jovens na esquerda diminuiu. Onde ele ainda se concentra (o eleitor de esquerda)? Naquele tradicional cara que viveu na sua adolescência e hoje está lá com 50 anos, com 60 anos, que ali a gente ainda tem um bolsão maior da esquerda no Estado. A esquerda está indo para essa faixa etária e eu acho que é uma preocupação da esquerda, me parece, em trazer esses jovens, e eles não estão conseguindo conversar com esses jovens, porque ele é um jovem de rede social e quem conversa na rede social é a direita.

**JC - Então faz uma relação entre o aumento dos jovens de direita com a maior capacidade deste**

**campo se comunicar por estes meios digitais?**

**Margrid** - Faço. Ele (o jovem) é capturado pela discussão muito mais pela direita do que pela esquerda.

**JC - Voltando à questão da abstenção, que políticas públicas avalia como necessárias para mudar esta curva de aumento do não comparecimento às urnas?**

**Margrid** - Penso que existem campanhas do TSE, assim como ele faz no engajamento de jovens de 16 anos ou mais, eu penso que agora é olhar para quem é idoso. Se não está conseguindo ir votar, então peça para trocar o seu local de votação. Já tem transporte gratuito, mas às vezes, dependendo das pessoas, não têm acesso a esse transporte. Então eu penso que tem que alertar as pessoas de maior idade, fazer esse convite para que elas venham a participar dessa eleição, que é um direito dela até ela morrer. Óbvio, é facultativo a partir de 70 anos. Só que hoje o pessoal que tem 70 anos começa a representar muita gente. Então, se começa a pensar: 'tá, mas essa pessoa não vai ir votar?'. E ele também

se ele pretende ir (na próxima), porque a gente pode fazer duas análises. Onde que isso impacta, e o voto de quem no possível não comparecimento impacta. Mas sim, eu penso que pode ter impactado. Não sei se seriam 2 milhões de votos, porque não são todos de um só espectro político, mas são eleitores que certamente, em uma margem pequena, podem fazer a diferença na votação. Então essa é uma preocupação de quem trabalha com pesquisa, de olhar para isso, e de candidatos que trabalham com pesquisa.

**JC - Além do envelhecimento do eleitorado, se observa que os líderes mundiais estão ficando mais velhos. Compartilha desta avaliação?**

**Margrid** - Compartilho e lamento. Eu lamento porque eu penso que, pelo menos olhando para o Brasil, tanta coisa mudou no mundo, e vejo por mim. Estou trabalhando aqui, e eu tenho 64 anos. Eu não consigo mais acompanhar o mundo digital e a rede social e tantas coisas que estão postas hoje, de possibilidades e de comunicação, enfim. Então, quando eu imagino alguém de 80 anos, eu penso a distância que ele está do eleitorado, da massa do eleitorado brasileiro. (Distância) de conversa, de prioridades, de enfrentamento de problemas, de empregabilidade, de uma série de coisas. De entender aquela população, de trazer novidades, de trazer, sei lá, empresas tecnológicas. O futuro está aí, e com o que eles vão trabalhar? Que país é esse que nós vamos ter daqui a 20 anos? Com líderes mais velhos, e também com projetos ainda olhando para um passado e não para um futuro, que é o que, de certa forma, o governo do PT fez. E atrasa o Brasil com algumas questões. Ao invés de se pensar em empregabilidade, em escolas técnicas e em engajar essa população que é jovem, que amanhã é no mercado de trabalho e, talvez, um possível eleitor, ele acaba de novo indo numa questão do assistencialismo, e a impressão que eu tenho é que ele anda na contramão daquilo que se imagina para um país se desenvolver.

**JC - E na questão da terceira via, acredita que seria necessário um nome com perfil diferente dos pré-candidatos que temos hoje para 'virar o jogo' da polarização?**

**Margrid** - O Eduardo Leite (PSD) seria a terceira via. Poderia virar o jogo. Porque a característica do voto do governador, quando eu meço entre os perfis, ele é o único que tem voto massivo do eleitor que se po-

siciona no centro, ele tem voto do eleitor que se posiciona na esquerda e ele tem voto do eleitor que se posiciona na direita. E isso eu não entendo, por exemplo, quando eu cruzo com o Flávio Bolsonaro, ou com o presidente Lula, que tendem para um lado. E o governador Eduardo Leite é essa figura que transita, é fluido, porque ele tem ideias que compactuam com as minhas, com o eleitor mais jovem, com o eleitor mais moderno, mais atualizado.

**JC - Quais os motivos que observa para os líderes mundiais estarem cada vez mais velhos?**

**Margrid** - A política não atrai mais pessoas que têm essa capacidade de liderança, ela não é mais atrativa. Vamos olhar para trás: nós tínhamos Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Mário Covas... Muita gente boa. No Senado, no Supremo Tribunal Federal... Mas à medida que a política ficou tão desgastada, ela ficou tão envolvida em escândalos, tão rasteira, e isso me faz pensar que pessoas que teriam toda a condição de estar ali, porque (o que) se vê (são) pessoas jovens que vêm de famílias que o pai era político. Mas novos nomes, novas pessoas, novas caras, eu não vejo. O (ex-governador de Minas Gerais e pré-candidato à Presidência, Romeu) Zema é até uma exceção, o (ex-governador de São Paulo, João) Doria foi uma exceção. Mas acho que a política não atrai mais.

**JC - O Instituto Amostra pesquisou a proporção do eleitorado que lembra em quem votou para deputado estadual e federal. Que resultados colheram?**

**Margrid** - Em quem votou para deputado estadual, 75,5% (dos gaúchos) não lembram. Três quartos não lembram. E não lembram em quem votou para deputado federal 78%. É maior ainda. Acho que o estadual, por exemplo, talvez em Porto Alegre e Região Metropolitana traga um pouco mais lembrança, porque ele está mais próximo. O federal perde o contato com o eleitor - com várias exceções. Ele (o deputado federal) fica na rede social, e tem os que têm um engajamento com a rede social. E tem uma coisa interessante, e isso é uma coisa que sempre acontece: 'Ah não, agora ele está montando a rede social dele...' Como se ele pudesse comprar pessoas. Engajamento ele até pode, mas isso não significa nada. Ainda há uma falta de compreensão, e aí talvez pela própria idade, de que ele precisa estar presente o tempo todo na rede. E presente realmente. Presente, atuando, fazendo recortes do que faz, enfim.

vai representar (índice de abstenção), porque o TSE não vai classificar ele (como voto facultativo) e dizer assim: 'não, mas olha só, desse número de abstenção, quando nós olhamos para nossa base, X% são de pessoas com 70 anos ou mais'. Ele (o TSE) não faz isso, ele te dá um dado final: X% que compareceram, e X% que não compareceram. Mas quem são os X% que não compareceram? Eu preciso olhar para eles. E aí sim, a partir disso, pensar políticas públicas que possam ajudá-los.

**JC - Então acredita que há um foco maior da Justiça Eleitoral em atrair os jovens, e é necessário dar mais atenção aos idosos?**

**Margrid** - Penso que seriam duas campanhas.

**JC - Em 2022, a eleição de Lula foi muito apertada - venceu por menos de 2 milhões de votos. Pode-se dizer que o comparecimento deste público idoso nas urnas pode decidir uma eleição?**

**Margrid** - Eles (políticos) têm essa preocupação, poderia ser. Desde agora a gente passa a monitorar se ele foi votar na eleição passada e